

---

## A cobertura jornalística da imprensa em época de novas tecnologias e ativismo nas redes sociais<sup>1</sup>

Aline da Silva Novaes (orientadora)<sup>2</sup>

Vitória de Figueiredo Brandão Souza<sup>3</sup>

Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC), Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

Este trabalho apresenta uma análise da cobertura jornalística de massa em um momento em que as novas tecnologias e o ativismo nas redes sociais influenciam a rotina de produção do jornalismo. Assim, o objetivo é relacionar os movimentos reivindicatórios na web e a capacidade dos mesmos de pautar a grande mídia. Com essa finalidade, serão realizados estudos de caso, cujas matérias foram publicadas em veículos de maior circulação em território nacional, *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.

**Palavras-chave:** Ciberativismo; Jornalismo; Redes Sociais.

### Introdução

Este artigo é um desdobramento de minha pesquisa de iniciação científica intitulada “O papel do ciberativismo na defesa dos direitos humanos no Brasil”, que conta com o financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sob a supervisão da professora Dr.<sup>a</sup> Aline da Silva Novaes.

Acredita-se que a perspectiva-base que perpassa o contexto do ciberativismo está alicerçada em conceitos da comunicação digital. Nesse âmbito, destacam-se conceitos como ciberespaço, hipermídia, cibercultura e a democratização da mídia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. Mestre em Comunicação Social e bacharel em Jornalismo pela mesma instituição. Licenciada em Letras pela UERJ. Professora Titular do IBMEC-RJ. Membro do grupo de pesquisa Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais - CNPq. E-mail: [alinenovaes@gmail.com](mailto:alinenovaes@gmail.com)

<sup>3</sup> Vitória de Figueiredo Brandão Souza é estudante de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Atualmente, é bolsista de iniciação científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) sob orientação da professora Dra. Aline da Silva Novaes. E-mail: [vitoriabrandacontato@gmail.com](mailto:vitoriabrandacontato@gmail.com)



---

Dessa forma, as análises preliminares realizadas se direcionaram no que diz respeito ao escopo do novo modelo de comunicação. Isto é, o rompimento do modelo matemático da comunicação (emissor-receptor-meio) e a transição do mesmo para uma realidade na qual todos somos emissores.

Embora não seja possível precisar uma data específica no que diz respeito ao prenúncio do ciberativismo no Brasil, é possível traçar paralelos em termos da popularização da prática a partir da ascensão do número de usuários da internet no país. Dessa forma, se faz necessária a associação entre o processo de democratização do acesso à web e o crescente engajamento da população brasileira no diálogo virtual a partir do fim dos anos 1990 e início dos anos 2000.

A *web* chegou ao país no ano de 1986, sobre forma de uma rede acadêmica de computadores denominada São Paulo Academic Network. Em torno dos anos 1994 e 1995, a partir de incentivos comerciais, a internet se expandiu além do contexto acadêmico, eventualmente levando à criação do Comitê Gestor da Internet (CGI) pelo Ministério de Ciência e Tecnologia e o Ministério das Comunicações. No ano 1995, com a distribuição de domínios .com.br por parte da FAPESP, houve significativo aumento do interesse nacional pela rede, que refletiu em registros de marcas de peso com seu próprio domínio nacional, tais como UOL, Estadão, IBM e Unibanco.

A partir da virada do milênio, por conta de seu sucesso comercial, a internet deixou o âmbito acadêmico para se tornar uma ferramenta corriqueira da população. Nessa nova lógica, o ciberespaço se transformou em mais um ambiente de manutenção de relações interpessoais. Nas palavras de William Gibson, autor canadense-americano:

Ciberespaço. Uma alucinação consensual diariamente experimentada por bilhões de operadores legítimos, em cada país, por crianças a quem são ensinados conceitos matemáticos... Uma representação gráfica de dados extraídos de bancos de cada computador do sistema humano. Complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas no não-espaço da mente, *clusters* e constelações de dados. (GIBSON, 1984, p. 53)

Embora o ciberespaço seja uma instância não material, é possível articular um olhar sobre a evolução do contexto virtual brasileiro e seu impacto na construção de



---

relações humanas, tendo como base as redes sociais utilizadas ao longo do processo de democratização do acesso à internet no país.

O Orkut, a rede social mais utilizada no Brasil no início dos anos 2000, alcançou, em seu ápice, 29 milhões de usuários, até ser superada pelo Facebook no ano de 2011 (segundo o Ibope). Com o advento do Orkut e do MSN, serviço de mensagens instantâneas da Microsoft, a *web* se tornou aspecto rotineiro da população brasileira. Com base nesse novo contexto de interação com o ciberespaço, o ciberativismo encontrou meios de se transportar para o plano físico, partindo de fóruns, blogs, e páginas virtuais. O Orkut, tendo uma dinâmica baseada em “comunidades” de interesses, ou seja, grupos virtuais nos quais indivíduos com interesses similares poderiam interagir, inaugurou uma nova maneira de se relacionar. A organização de grupos não mais se limitava a variáveis como distância física e dificuldade de escolha de horários, manifestações poderiam se iniciar a todo e a qualquer momento, podendo até mesmo transcender os limites do território nacional.

Com base nesse novo cenário, o ciberativismo surge como uma quebra do paradigma de onipotência da grande mídia, e de seus critérios de noticiabilidade, caracterizados não apenas pelo subjetivismo do olhar do jornalista, mas também pelos interesses monetários dos veículos em questão.

Antes da emergência do ativismo e da nova mídia parecia que toda resistência ao capitalismo globalizado estava fadada aos gemidos impotentes da recusa à globalização ou à lamentação melancólica do contínuo enfraquecimento dos velhos meios de luta (sindicatos, partidos, estatização dos serviços...). Em contrapartida a essa falta de opções da resistência, a mídia corporativa global, que se sustenta na exploração das atualidades, sempre tinha para oferecer um torpe leque de escolhas que apimentavam o aborrecimento do nosso dia a dia. (ANTOUN, 2001, p. 140)

Salienta-se o modo como a popularização da internet proporcionou maior força à resistência da até então unilateral lógica capitalista. Os "velhos" meios de luta se submetem a um processo de modernização proporcionado por intermédio da internet. Esse ambiente virtual tornou viável o contato entre simpatizantes de uma mesma causa, independente da distância.



O ciberespaço tornou possível o rompimento não só do unilateralismo do sistema econômico vigente, como a reestruturação da dinâmica comunicacional com base em uma construção horizontal. Dessa forma, deixando de lado a imposição de uma hierarquia dominada pelos grandes meios. Com a dinâmica digital dos meios de comunicação, todo e qualquer usuário pode se fazer ouvir, como revela Eisenberg:

[...] segundo, na internet há as interações ‘um a um’ ou ‘muitos a muitos’ - em que os indivíduos são simultaneamente produtores e receptores de informação - e as que decorrem de mensagens produzidas por um ou alguns indivíduos e que são consumidas, de forma passiva, durante a ‘navegação’. (EISENBERG, 2001, p. 7)

O consumo passivo de informação é abordado em inúmeras peças pertencentes à bibliografia deste estudo. A quebra do paradigma matemático da comunicação (emissor, receptor e meio) é responsável pela promoção de uma nova lógica comunicacional, na qual os indivíduos engajados no contexto digital estabelecem um novo modelo de comunicação. Nesse cenário, usuários de redes sociais se caracterizam tanto como emissores e receptores, e o meio se torna um ambiente acessível a todos.

O objetivo deste artigo é, sob a luz dos aspectos supracitados, ressaltar o potencial da utilização do ativismo nas redes sociais como influenciador na cobertura midiática de massa. Nesse sentido, o ciberativismo é, também, um reforço dos direitos humanos.

### **A cobertura jornalística e o ativismo nas redes sociais**

Ao adentrarmos em um estudo referente ao ciberativismo, é necessário frisar a imponência da mídia de massa no processo comunicacional, mesmo no contexto da popularização do acesso à internet. Embora a *web* tenha tornado possível o rompimento do monopólio dos grandes conglomerados de comunicação, esses mesmos veículos ainda dominam em grande margem o cenário da comunicação de massa (ZITTRAIN, 2009). Segundo o Ibope (2016), em pesquisa encomendada pela Secretaria de Comunicação do governo, quase 90% dos brasileiros ainda se informam pela televisão.



INTERCOM

Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Joinville - SC - 2 a 8/09/2018

Dessa porcentagem, 63% utilizam a TV como principal meio de informação. Na estatística, a internet figura como segundo principal meio, sendo a ferramenta preferida de 26% dos entrevistados e se constituindo como principal fonte de informação de 49%.

Apesar de jornais figurarem como meio principal de 3% da população, essa porcentagem ainda pode ser considerada como de grande relevância, tendo em vista a percepção da internet pelo grande público como ferramenta pouco confiável. Segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia, 59% dos entrevistados confiam em jornais. Em relação às notícias publicadas em sites conteúdo, 62% afirmaram que não as consideram como informações de credibilidade.

À luz dessas informações, foram realizados diferentes estudos de caso acerca de matérias jornalísticas sobre situações de infração de direitos humanos. O primeiro caso de infração aos direitos humanos que obteve notória cobertura da grande mídia, concomitantemente a um considerável movimento em redes sociais, foi o estupro coletivo do morro do Barão, na região Oeste do Rio de Janeiro. Para compreender o motivo que torna o caso o Morro do Barão singular no que diz respeito a sua repercussão, é necessário analisar o modo como o ciberativismo exerceu grande papel na instância de pautar a grande mídia.

O rápido compartilhamento das imagens do estupro em redes sociais instigou o surgimento da campanha “Eu Luto Contra a Cultura do Estupro”. Esse movimento foi marcado pela adoção de um filtro na imagem de perfil, assim como pela publicação de histórias de usuárias que sofreram violência sexual. A campanha salientou a necessidade de denúncia e não-banalização do assédio.

Segundo a ferramenta *Brand24*, plataforma que permite mensurar o número de interações online com determinado tópico, estima-se que cerca de 1,9 milhões de usuários tiveram algum tipo de interação com o tópico “estupro coletivo” na última semana de maio de 2016. Interação, nesse contexto, se traduz como compartilhamento,

Estupro Coletivo  
Dashboard Mentions

UPGRADE

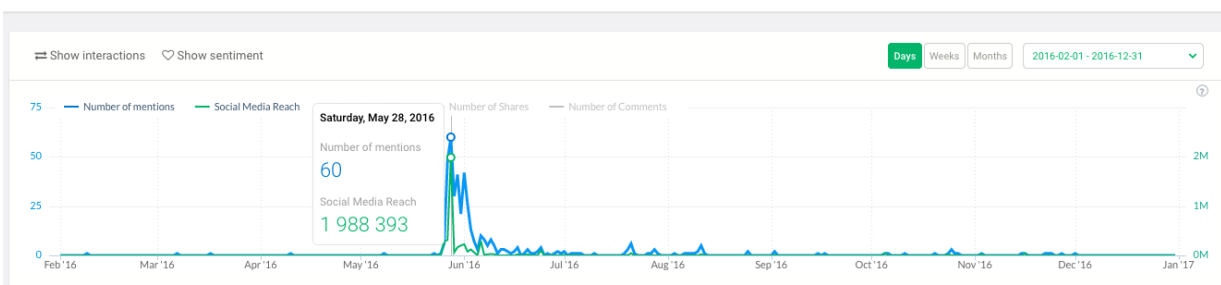
Projects

Account settings

Slack Integration

?

⏻

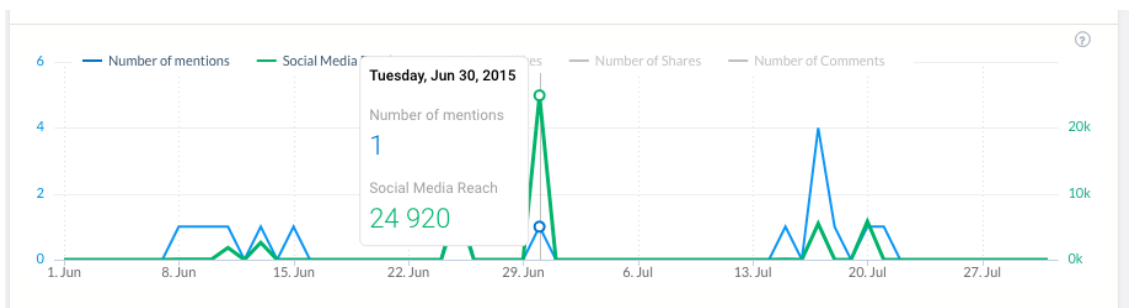


visualização e uso de hashtags em redes sociais utilizando as palavras “estupro coletivo”.

A campanha gerou a mobilização de milhões de usuários da rede por uma postura resolutiva no caso da jovem, assim como em protesto contra o machismo estrutural.

A fim de elucidar a relevância do ciberativismo no processo de pauta da grande mídia, foi traçada uma comparação com outro caso de estupro coletivo, acontecido no Piauí, que provocou menor reação, tanto nas redes sociais quanto no processo de geração de matérias por grandes veículos.

No caso do Castelo do Piauí, onde quatro adolescentes, com idade entre 15 a 17 anos, foram estupradas, amarradas, torturadas e atiradas de um penhasco de mais de dez metros por cinco homens, foi conduzida uma análise similar de maneira a pontuar o impacto dos movimentos reivindicatórios em âmbito virtual na promoção de uma cobertura contínua.



Segundo os dados colhidos, o ponto de maior interação virtual com os termos “estupro coletivo” durante o período de cobertura do caso ocorreu no dia 30 de junho de 2015, quando aproximadamente 25 mil usuários compartilharam, postaram ou leram algum tipo de postagem com essas palavras-chave. Visivelmente, é possível notar como, comparativamente, o caso repercutiu consideravelmente menos que o caso do Morro do Barão. Quando analisado sobre o escopo da geração de suítes, na *Folha de S. Paulo* apenas uma reportagem foi lançada após essa data, no dia 21 de agosto de 2017, dois anos depois. No caso do jornal *O Globo*, também apenas uma suíte foi lançada, no dia

---

dez agosto de 2015. O jornal *Estadão* não publicou nenhuma suíte após o dia 30 de junho.

Reitera-se, nesse cenário, o modo como os critérios de noticiabilidade exercem papel na construção da notícia, e propõem uma explicação para o modo como, dado a questão de proximidade, o caso do estupro do Morro do Barão obteve maior cobertura tendo em vista que as três publicações analisadas se estabelecem no contexto do Sudeste. Porém, é perceptível o modo como engajamento em redes sociais foi responsável por assegurar uma contínua cobertura do caso.

Dessa forma, torna-se evidente a maneira como o público passa a representar um papel crucial no processo de construção da notícia, ao se constituir como a entidade provedora da narrativa que alicerça o produto jornalístico. Nesse sentido, propõe Henrique Antoun:

A nova mídia desenvolve sua cobertura como um documentário ficcional cujo roteiro vai sendo escrito através das fabulações narradas pelos próprios participantes. Se ela pode abandonar a isenção jornalística e permanecer veraz, deve ser porque sua evidente adesão ao acontecimento se faz para proveito do jornalismo. (ANTOUN, 2001, p.10)

A interação entre usuários em redes sociais promove não apenas o potencial de alcance de determinada publicação jornalística ou narrativa, mas sim instiga o debate e questionamentos (RECUERO, 2009). A partir dos desacordos no âmbito do debate digital, surgem possibilidades para a construção de novas pautas e, por conseguinte, novas notícias.

A fim de buscar uma análise dos impactos negativos das redes sociais, também foram realizados estudos de casos em que as informações disseminadas eram falsas. Nessa linha, podemos ressaltar que o fenômeno das *fake news* está alicerçado não apenas no potencial de um usuário, sem respaldo jornalístico-crítico em alcançar grande público, mas também na psicologia na qual o processo de decisão humano está fundado.

Uma decisão tomada por um indivíduo perpassa não somente pela racionalidade individual, mas sim por um encadeamento de narrativas construídas em grupo



---

(SLOMAN; FERNBACK, 2017). Como consequência, a interpretação de um rumor, por parte do receptor, resvala sobre o modo como outros indivíduos constroem um olhar perante a suposição.

Com base nos aspectos citados, é possível tecer uma análise acerca das possíveis consequências do uso indevido de redes sociais no Brasil. Para tanto, foi analisado o caso de Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, uma jovem linchada até a morte no município de Guarujá, em São Paulo. Ela foi confundida com uma suposta praticante de “magia negra” que estaria a sequestrar crianças na região.

O linchamento de Fabiane é um exemplo extremo das possíveis consequências de um boato digital. A postagem foi inicialmente publicada na página “Guarujá Alerta” no Facebook, que foi desativada após o crime. Na época, a página, até então descrita como “uma página de fatos, acontecimentos, notícias, reclamações e sugestões do morador e turista de Guarujá”, possuía 54.744 curtidas.

Primeiramente, no que se diz respeito à disseminação de informação, é necessário frisar o conceito de cascatas de informação (*information cascades*). Esse conceito está fundado na ideia de que, quando indivíduos estão conectados por intermédio de uma rede, surge a possibilidade de cada usuário influenciar o comportamento e decisões de outro. Com base em tal realidade, a cascata de informação tem o potencial de ocorrer quando usuários fazem decisões sequencialmente, influenciando outros a repetirem tais ações. A partir dessa instância, indivíduos copiam as ações daqueles que propagaram a informação, construindo suposições acerca do que esses propagadores sabem sobre o assunto (EASLEY; KLEINBERG, 2010).

Enquanto as circunstâncias da morte de Fabiane servem como perfeita representação para as possíveis pesadas consequências do efeito de cascata de informação, também é necessário ressaltar o potencial da mídia de massa (não apenas o contexto digital) em se caracterizar como vetor de viabilização de histeria coletiva.

A constante cobertura por parte de grandes veículos, sobretudo no que diz respeito a conteúdo relacionado à violência, contribui para um cenário no qual o público é instigado a adotar um comportamento de preocupação regular. A partir dessa ideia, se





---

faz necessário elucidar a ponderação da crítica literária norte-americana Elaine Showalter sobre o assunto:

[...] A epidemia de distúrbios mistérios, doenças imaginárias e pseudo-memórias criadas hipnoticamente, que têm inundado a mídia, parecem estar atingindo um ápice. Essas históri-histórias estão se fundindo com paranóias mais generalizadas, renascimentos religiosos, e teorias da conspiração, que têm sempre caracterizado a vida norte-americana, e ansiedades apocalípticas, que sempre acompanharam o fim de um século. Agora, elas estão se dispersando globalmente para infectar outros países e culturas. (SHOWALTER, 1997, p.72)

A propagação de tópicos, por parte da grande mídia, que envolvem perigo ou violência tendem a ter como consequência a inclusão desse tipo de assunto na agenda política, e no imaginário social de uma comunidade. Em 2014, ano em que o linchamento ocorreu, foram registrados 59.626 homicídios, segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica aplicada (IPEA) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FPSP).

O aspecto que atribui um caráter singular ao caso descrito é o modo como este teve seu surgimento baseado integralmente na Internet. O prenúncio do fenômeno de cascata de informação foi constituído a partir do meio digital, e teve como intermediário diferentes redes sociais e aplicativos de mensagens. Embora certamente tenha havido um grau de oralidade na disseminação do rumor, o tom alarmista de uma postagem veiculada em uma página informal, conhecida por seu suposto “jornalismo popular”, ditou a recepção da sociedade para com a aparentemente ameaça de uma sequestradora.

Algo que chama atenção no rescaldo do processo jurídico do caso é, como citado anteriormente, a ausência de grandes movimentações em contexto digital acerca da busca por justiça. Ao contrário do caso do Morro do Barão, em que as respostas ao crime foram fervorosas campanhas online, o linchamento do Guarujá não incitou movimentos expressivos em redes sociais, salvo por postagens de familiares e entes queridos. Esse fenômeno é visivelmente ligado ao contexto no qual o linchamento ocorreu. Tendo em vista o envolvimento de mais de 1.000 pessoas, incluindo crianças e adolescentes, o senso de vergonha e desejo por acobertar a situação é compreensível,



---

mas não justificável. Embora a conectividade seja responsável por instigar o debate e a reivindicação, ela também possui um papel no fomento de um fenômeno denominado apatia coletiva.

### **Considerações Finais**

Tendo em vista os casos discutidos previamente, assim como a implicação dos mesmos no contexto digital, é perceptível o modo como as redes sociais impulsionam e estimulam a expressão pessoal e a manifestação de ideias em um contexto de ágora virtual, possibilitando o compartilhamento de ideias com um público dificilmente quantificável por parte dos usuários. Porém, enquanto é importante reconhecer o potencial positivo das redes virtuais e do impacto das mesmas acerca da construção social, também é de suma relevância reconhecer a maneira como existem adversidades em relação à ruptura do modelo clássico de comunicação.

O atual paradigma comunicacional, em que todos são emissores e receptores constantemente, traz consigo o defeito de, inerentemente, ser responsável pela geração de ruídos que podem, por fim, impactar a compreensão e a propagação de causas do movimento reivindicatório em si.

Mais uma vez, salienta-se o modo como a popularização da internet proporcionou maior força à resistência da até então unilateral lógica capitalista. Os “velhos” meios de luta se modernizaram por intermédio da internet, que tornou viável o contato entre simpatizantes de uma mesma causa, independentemente da distância. Porém, cabe também discutir os impactos da conectividade sobre a promoção de uma dinâmica potencialmente destrutiva perante aos processos sociais.

### **REFERÊNCIAS**

ANTOUN, Henrique. Jornalismo e Ativismo na Hiperfídia. In: **Revista da FAMECOS**, no. 16, pp. 135-147. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.



ARRUDA, Renata Kelly. **Super Notícia: um jornal entre leitores**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 165. 2015. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/254147/1/Arruda\\_RenataKellyde\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/254147/1/Arruda_RenataKellyde_D.pdf)>. Acesso em 20 Jan. 2018

EASLEY, David & KLEINBERG, Jon. **Networks, Crowds, and Markets: Reasoning About a Highly Connected World**. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

GIBSON, William. **Neuromancer**. Nova Iorque: Ace Books, 1984.

GIDDENS, A. **Capitalismo e Moderna Teoria Social**. 6. Ed. Lisboa: Editora Presença, 1972.

HANNA, R., ROHM, A., & CRITTENDEN, V. L. (2011). **We're all connected**: The power of the social media ecosystem. *Business Horizons*, 54, 265-273. <http://dx.doi.org/10.1016/j.bushor.2011.01.007>

MCCOMBS, M.; SHAW, D. **The agenda-setting function of mass media**. *Public Opinion Quarterly*, v. 36, n. 2, p. 176-182, Summer 1972.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. In.: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando (org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009.

RODRIGUES, Luciana Ribeiro; PIMENTA, Francisco José Paoliello. We are legion: A utilização de mídias sociais como recurso de mobilização no ciberativismo realizado pelo Anonymous Brasil. In: **Anais eletrônicos do XVIII Intercom Sudeste**. Bauru: UNESP, 2013. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0207-1.pdf>>. Acesso em: 5 de jan. 2018.

SHANNON, C.; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SHOWALTER, Elaine. **Hystories: Hysterical Epidemics and Modern Culture**. Columbia: Columbia University Press. 1997.

SLOMAN, Steven & FERNBACK, Philip. **The knowledge illusion: why we never think alone**. New York: Riverhead Books, 2017.

ZITTRAIN, Jonathan L. **The Generative Internet**. *Communications of the ACM - Rural engineering development*. Volume 52, Issue 1, January 2009. Disponível em: [https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/9385626/Zittrain\\_Generative%20Internet.pdf?sequence=1](https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/9385626/Zittrain_Generative%20Internet.pdf?sequence=1). Acesso em 10 mar. 2018.